

DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA FRANCÓFONA SOBRE A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: IMPLICAÇÃO À PRAXIS EDUCACIONAL¹

FRENCHFIELD CONTEMPORARY DISCUSSIONS ABOUT THE CULTURAL-HISTORICAL THEORY: IMPLICATION TO EDUCATIONAL PRAXIS

Igor Costa Palo Mello²

Graças ao intercâmbio cada vez mais intenso entre estudiosos de diversas partes do mundo através de eventos internacionais realizados no Brasil e em outros países, torna-se possível identificar as diferenças na maneira como a Teoria Histórico-Cultural tem sido apropriada e incorporada à produção acadêmica e à atuação profissional. É notável, entre outros aspectos, certo isolamento na forma como os autores brasileiros críticos têm compreendido sua importância, especialmente, à educação e à psicologia.

Entre as características próprias desse “estilo brasileiro” na apropriação da teoria que tem como fundamento a produção de L.S. Vigotski, A. R. Luria e A. N. Leontiev, está a compreensão da impossibilidade de dissociar a contribuição destes três autores entre si e de sua matriz marxista. É possível afirmar isso pela comparação com a leitura contemporânea realizada em outros países, buscando distanciar a concepção vigostkiana daquela proveniente da teoria da atividade desenvolvida por Leontiev (hora a favor de um, hora a favor de outro) e do legado marxista. O significativo que indica esse estilo é a grafia “Vigotski”.

A primeira impressão deixada pelo contato com a obra “Vygotski maintenant” (Vigotski agora - tradução nossa) (2012) provem exatamente dessa alteridade. Certo estranhamento que é amenizado pela presença na obra da contribuição de um conhecido autor marxista: o filósofo Lucien Sève - é conhecido em terras tupiniquins pelos volumes sobre o estudo da personalidade na perspectiva da teoria histórico-cultural (1979). É curioso, aliás, vê-lo versando mais especificamente sobre a contribuição vigostkiana à questão no

¹ Resenha livre da obra: CLOT, Y. (dir.). *Vygotski maintenant*. Paris/Fr: La Dispute, 2012.

² Psicólogo e Docente da UNOESTE; Mestre e doutorando em Psicologia e Sociedade (UNESP/Assis); Integrante do LATPISS; Membro colaborador do GEIPEE-Thc. Email: igorcpm@yahoo.com.br

capítulo VI intitulado “Psychologie en Crise, Personalité en Cause?” (Psicologia em Crise, personalidade em questão? - tradução nossa), já que na obra supracitada a principal referência é Leontiev. Destacamos o interessante exercício de imaginação que Sève propõe: o de pensar o que seria do texto do “Significado Histórico” se Vigotski tivesse conhecimento da concepção de ser consciente (Das Bewusstsein) expresso na obra “Ideologia Alemã” de Marx e Engels, publicado apenas em 1932. Partindo disso, indagamos o que seria do pensamento ocidental, especialmente de francófonos como Althusser, Lacan e Foucault, caso tivessem contato com as obras do bielo-russo.

Este livro que ora resenhamos é produto das apresentações no quarto seminário internacional Vygotski “La signification historique de la crise en la Psychologie (1926-2010): apports et limites de la perspective vygotkienne” (O significado histórico da crise na Psicologia (1926-2010): contribuições e limites da perspectiva vigotskiana – tradução nossa), realizado entre 19 e 21 de maio de 2010 e organizado, entre outros, por Yves Clot - vale esclarecer que este autor é conhecido entre nós por sua produção na direção da chamada “Clínica da Atividade” no campo da Psicologia do Trabalho (2006).

Como o próprio nome já aponta, este livro apresenta um conjunto de autores francófonos que versam sobre o texto de Vigotski que foi traduzido para o português como “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1926/1999), para alguns o marco decisivo da emergência de uma teoria histórico-cultural na obra de Vigotski.

Além da introdução escrita por Yves Clot, tratando do percurso entre a publicação do livro “Avec Vygotski” (Com Vygotski) (1999) e da presente obra, o livro foi organizado em quatro partes, em ordem: “Psicologia: sempre em crise?”, “O desenvolvimento como método”, “Linguagem e conceitos” e “Corpos e Afeto”.

Na primeira parte, temos o primeiro capítulo escrito por Stanislav Stech que traça um interessante histórico sobre o uso da noção de crise no campo da Psicologia, desde a época do autor bielo-russo até o contemporâneo Ian Parker. Talvez chamará a atenção dos estudiosos da Educação o capítulo II, escrito por Jean-Yves Rochex que aborda os usos contemporâneos de Vigotski nos debates e na pesquisa educacional. O autor defende a tese de que nestes o aporte vigotskiano é utilizado para defender posições contraditórias àquelas defendidas por ele em seus textos, como a de uma:

[...] pedagogia da descoberta, da interação e da colaboração [...], do ensino recíproco ou de partilha de competências dentro das quais ‘cada um é um pesquisador, cada um é um professor [enseignant], cada um é um redator, cada um é um expert em alguma coisa [...]’ qualificada por Bernard

Schneuwly como “sócio-construtivismo (ROCHEX, 2012, p. 43 – tradução nossa).

Rochex cita em profusão várias obras que apóiam tal leitura caricatural das formulações vigotskianas no contexto francês e mesmo que haja um fundo de 'crítica' sobre a teoria histórico-cultural em favor de métodos e conteúdos tradicionais numa atitude abertamente conservadora, como nos parece ser a da citada por ele sobre Nathalie Bulle. Mas, o autor faz, ainda, menção à direção interessante que as pesquisas sobre mediação vêm assumindo, tanto no campo da aprendizagem escolar formal como daquela familiar informal e não só entre a classe média, mas também entre os menos favorecidos, o que deve evoluir, talvez, a uma discussão da relação entre escola e comunidade. Como nos salienta:

Tal perspectiva de pesquisa evidentemente não saberia se fazer sem interrogar isto que está dentro dos diferentes meios sociais e familiares [...], mas não mais sem se perguntar em retorno se e em que os modos de mediação próprios à escola e suas exigências próprias podem encontrar apoio – para permitir e favorecer o desenvolvimento e as aprendizagens – sobre os modos e formas de mediação próprios ao universo familiar [...] ou, ao contrário, se e em que eles contribuem particularmente no meio popular, para os desqualificar” e, acrescentaria, a dinâmica social que produz essa desqualificação (ROCHEX, 2012, p. 47 – tradução nossa).

Enxergamos aí a dificuldade no referido autor e, talvez, entre os francófonos em se conceber a escola como lócus de contradições resultantes, em última instância, da luta de classes. Parece transparecer aí a concepção clássica de Bourdieu e Passeron (1975) de viés crítico-reprodutivista, já superada no contexto brasileiro pela produção da Pedagogia Histórico-crítica (SAVIANI, 2008). O reflexo disso pode-se perceber na aparente direção adotada por Rochex no sentido duvidoso da defesa da necessidade de uma educação extra-escolar e popular. No mais, insiste em certa concepção dialética de Vigotski exposta de forma exemplar, segundo Rochex, no capítulo 6 de “Pensamento e Linguagem”.

O capítulo III, de autoria de Schneuwly e Leopoldoff-Martin, versa sobre o trabalho pedológico de Vigotski e visa discutir se este tópico da obra vigotskiana não seria uma resposta ao diagnóstico de crise na Psicologia, lembrando inclusive a exclusão sistemática dos textos produzidos sobre o assunto dos seis volumes das "Obras Escolhidas" editados na União Soviética entre 1982 e 1984. As autoras citam, ainda, como referência o trabalho de mestrado produzido em 2008 na Universidade de Genebra por Leopoldoff-Martin, intitulado “À la recherche d’une science perdue: L. S. Vygotski et la Pedologie” (Em busca de uma ciência perdida: L. S. Vigotski e a Pedologia – tradução nossa). No geral, as autoras expõem as evidências encontradas sobre o objeto e o método da pedologia (concebida como

ciência multidisciplinar) nos trabalhos do bielorusso, enfatizando sua importância como sustentáculo da teoria histórico-cultural.

O capítulo V, referente a primeira parte, é escrito por Michel Brossard e trata das relações entre desenvolvimento e apropriação de obras da cultura humana. O autor parte da tese de que a obra de Vigotski desdobra na teoria histórico-cultural a antropologia marxista esboçada nos trabalhos do jovem Marx. Entretanto, cabe a crítica de que o autor não insiste na tese consagrada em nossa literatura de que a Educação Escolar é fundamental na promoção do desenvolvimento humano a partir da apropriação de bens culturais em sua forma mais elaborada. Fechando, então, essa primeira parte os textos de autoria de Jean-Paul Bronckardt e do próprio Yves Clot sobre o diagnóstico da crise na Psicologia, sem grandes implicações à práxis educativa.

Ao longo da segunda parte, intitulada “O desenvolvimento como método”, a obra apresenta suas contribuições sobre certas práticas, entre outros, no contexto da clínica da atividade. É perceptível o cuidado dos autores com a apropriação de algumas das mais importantes contribuições de Vigotski como, por exemplo, ao método da dupla estimulação, a renúncia ao dogma da experiência imediata, o fato de que é em movimento que o corpo mostra o que é (clara influência do legado espinosano), a necessidade de organizar o desenvolvimento para estudar seus processos, etc. Para a práxis educativa, a contribuição principal seria a referência a certo cuidado com a organização do trabalho coletivo como forma de não cercear a criatividade do profissional. No mais, não escapa à crítica a insistência na aproximação entre Vigotski e Piaget na formulação de metodologia indireta para compreender a aprendizagem e o desenvolvimento em crianças, discussões presentes no capítulo X.

A terceira parte do livro, “Linguagem e conceitos”, é discutida a relação complexa entre signos e instrumentos enfocando, entre outras coisas, o trabalho de orientação profissional. Faz menção à tradução exata do termo russo “rec”, utilizado por Vigotski no título de sua principal obra (“Pensamento e Linguagem”), que designa atividade instrumental, significação, e não a estrutura estável da língua. Explorando as relações entre sintaxe de significações, sintaxe de palavras e comunicação, os autores retomam aspectos metodológicos da clínica da atividade no contexto do trabalho com adultos. Mas, chama atenção o capítulo XIII, escrito por Janette Friedrich, pela proposição de um diálogo imaginário entre o bielorusso e Charlotte Bühler, uma das autoras mais citadas por ele, através da noção de “instrumentos mediadores”.

A quarta parte deste livro trata da relação entre corpos e afetividade, com destaque ao capítulo XVIII escrito por Bernard Doray em forma de crítica ao “pré-logismo” atribuído aos primitivos por Vigotski. Doray é um autor conhecido dos lusófonos pela organização, em conjunto com Paulo Silveira, do livro “Elementos para uma teoria marxista da subjetividade” (1989). Os outros capítulos, ao retomar a unidade entre conceito, afeto e atividade dentro de um mesmo conjunto funcional, tece diálogos com as neurociências, a psicanálise e a crítica de arte a procura de avaliar o legado do bielorusso.

Acredito que o mais importante que a leitura desta obra produz são as reflexões que ela inspira sobre a relação entre a teoria histórico-cultural e o fazer que ela traduz. Estamos longe da estagnação burocrática e da reprodução vazia de sentido, de palavras proferidas por Vigotski; até porque, ainda estamos distantes de conhecer a magnitude completa de sua obra. Mas, faz-se desde já necessário problematizar constantemente a práxis educativa por ela inspirada no sentido de realizar a análise de conjuntura acerca do que ela significa no contexto da sociedade capitalista contemporânea, globalizada e prenhe de contradições a serem exploradas no sentido de sua superação.

Não consideramos, neste sentido, a clínica da atividade proposta por Yves Clot uma referência fiel às concepções de Vigotski. Nossa afirmação tem como base a constatação de que Yves Clot descola da teoria a referência marxista à luta de classes. Contudo, se entendemos que a análise dos equívocos cometidos por Yves Clot se processa em seu afã de indicar condições para uma 'suposta prática vigotskiniana', compreendemos que a leitura dessa obra é fundamental a qualquer práxis que queira ser meritória da referência histórico-cultural, no sentido de apropriação e incorporação do que já se têm produzido pela acadêmica, visando a superação deste existente. Por conta da presença de autores há muitos anos implicados com a construção da Psicologia e da Educação numa perspectiva histórico-cultural e crítica, recomendamos fortemente a leitura desta obra.

REFERÊNCIAS

- CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Trad. Adail Sobral. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- DORAY, B.; SILVEIRA, P. (Org.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice; Ed. Revista dos Tribunais, 1989.

ROCHEX, J-Y. Chapitre II: Des usages de Vygotski dans les débats et la recherche en éducation. In: CLOT, Y. (dir.). *Vygotski maintenant*. Paris/Fr: La Dispute, 2012 (p. 41-60).

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10 ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SÈVE, L. *Marxismo e teoria da personalidade*. Trad. Emmanuel Lourenço. Lisboa: Horizonte, 1979 (Vol. 1, 2 e 3).

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise na Psicologia. In: _____. *Teoria e método em psicologia*. Trad. Claudia Berlinder. São Paulo: Martins Fontes, 1926/1999, p. 203-417.

Recebido em janeiro de 2014

Aceito em março de 2014